

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Cristiane Diniz Ferreira

**UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA
BIBLIOTECA ESCOLAR**

Belo Horizonte

2012

Cristiane Diniz Ferreira

**UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA
BIBLIOTECA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Maria Elisa de Araújo Grossi

Belo Horizonte

2012

XNNx

FERREIRA, Cristiane Diniz

Uma proposta de mediação da leitura literária na biblioteca escolar / Cristiane Diniz Ferreira. - UFMG/FaE/Laseb, 2012. 32f., enc.

Plano de Ação - (Curso de Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, julho, 2012.

Orientação: Prof. Ma. Maria Elisa de Araújo Grossi, Centro Pedagógico/EBAP/UFMG

1. Leitura – Plano de Ação. 2. Biblioteca escolar. 3. Mediação. 4. Incentivo à leitura. I. Uma proposta de mediação da leitura literária na biblioteca escolar.

CDD - XXX.XXX

Catálogo da Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG

Cristiane Diniz Ferreira

**UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA
BIBLIOTECA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Maria Elisa de Araújo Grossi

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Maria Elisa de Araújo Grossi – Faculdade de Educação da UFMG

Kely Cristina Nogueira Souto – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal promover atividades diversificadas na biblioteca escolar para incentivar o gosto pela leitura dos alunos de uma turma de 3º ano do 2º ciclo da Escola Municipal Moisés Kalil. Como diagnóstico, foi aplicado um questionário nos alunos para averiguar, por meio das respostas, as suas experiências de leitura, preferências literárias e sugestões para o desenvolvimento de atividades pedagógicas ou lúdicas na biblioteca. No Plano de Ação, foram realizadas atividades de contação de histórias e de arte, com o objetivo de incentivar a leitura pela mediação do auxiliar de biblioteca escolar.

Palavras-chave: biblioteca escolar, mediação, incentivo à leitura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	8
2.1 Objetivo geral	8
2.2 Objetivos específicos	8
3 JUSTIFICATIVA	9
4 A HORA DO CONTO NA BIBLIOTECA ESCOLAR	11
4.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO DE EXECUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO ...	12
4.1.1 A Escola Municipal Moysés Kalil	12
4.1.2 A Biblioteca Escolar Maria Bárbara Santos Chaves	13
4.1.3 Minha trajetória na biblioteca escolar	14
4.1.4 O perfil da turma	15
4.2 A LEI N. 10.639/2003 E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	16
5 DESENVOLVIMENTO	19
5.1 Atividades realizadas no Plano de Ação	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
7 REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE A – Questionário – Biblioteca Escolar	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de alguns questionamentos acerca da leitura na biblioteca escolar e a respeito da participação dos alunos nesse ambiente de aprendizagem. Como auxiliar de biblioteca, minha preocupação inicial foi investigar como os alunos veem a biblioteca, o que acham e gostariam de ter como atividades interessantes e prazerosas nesse espaço.

A partir de um questionário aplicado aos alunos, verifiquei, por meio de suas respostas, alguns pontos sobre experiências de leitura, preferências e sugestões de atividades pedagógicas ou lúdicas na biblioteca. Ouvir os alunos e saber dos seus interesses, sentimentos ou vontades foi o caminho que encontrei para realizar e aplicar o Plano de Ação. Os alunos foram convidados a participar e realizar atividades na biblioteca durante todo o mês de novembro.

A biblioteca escolar pode ser eficaz no atendimento a seus usuários, sem esquecer da sua principal função que é a de promover e desenvolver o gosto pela leitura. A pergunta principal que move este Plano de Ação é: como transformar a biblioteca em um lugar prazeroso para os alunos?

Segundo Maciel (2010, p. 17), a biblioteca pode ser considerada um lugar dinâmico em que a aprendizagem se processa, ainda que, muitas vezes se exija nesse local o silêncio. Esse espaço pode também ser um local interessante, com propostas de ações significativas que incentivem a leitura. Para a autora, “uma questão se impõe: como atrair o estudante para esse local, que é mais do que um depósito de livros?”. Essa mesma preocupação orientou a execução do Plano de Ação e a escrita deste trabalho.

A biblioteca, ao ser reconhecida como local de aprendizagem, passa a ser espaço de estímulo à criatividade, à comunicação e à interação dos alunos. Um local representativo, acolhedor e que proporciona qualidade e diversidade nas suas atividades. De acordo com Maciel (2010, p. 17), “a biblioteca deve ser um espaço vivo, uma usina de conhecimentos, não um museu com peças intocáveis”. Um lugar

onde a poesia, os contos, as narrativas orais, o teatro, as artes façam parte do ensino e da aprendizagem dos alunos.

Atualmente, há uma preocupação por parte da sociedade em valorizar o ato de ler como prática de inserção social e para que isso aconteça é importante garantir um tempo e espaço para leitura, principalmente na escola. É preciso encontrar caminhos para que a leitura seja valorizada. De acordo com Andrade (2008, p. 13), “educadores que acreditam na biblioteca como recurso pedagógico eficiente contam agora com evidências concretas para mostrar que a biblioteca escolar pode fazer diferença na educação de crianças e jovens”.

A biblioteca pode contribuir como espaço de valorização da leitura e de formação do sujeito leitor. Assim, “a biblioteca escolar deve estar aberta às preferências dos alunos e não somente à imposição das leituras propostas pelos professores”. (Maciel, 2010, p. 15). Leal e Albuquerque apontam

possibilidades de inserir, na escola, atividades de leitura numa concepção mais global de inserção social, formando leitores que não só sintam o desejo de ampliar os saberes e informações proporcionados pela leitura, mas que também tenham prazer na leitura. (LEAL E ALBUQUERQUE, 2010, p. 16)

A partir desses questionamentos, busco entender a biblioteca escolar como espaço de formação de leitor, onde os estudantes podem aprender na biblioteca e com a biblioteca. Um lugar de mediação de leitura em que se deve levar em consideração a necessidade dos seus frequentadores e a compreensão dos motivos que levam os alunos a gostar ou não de ler na biblioteca.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Este Plano de Ação teve como objetivo principal promover atividades diversificadas na biblioteca escolar para incentivar o gosto pela leitura dos alunos de uma turma de 3º ano do 2º ciclo da Escola Municipal Moisés Kalil.

2.2 Objetivos específicos

- Incentivar o gosto pela leitura;
- Criar um ambiente favorável para a prática da leitura;
- Possibilitar momentos lúdicos, despertando o interesse dos alunos para novas leituras;
- Despertar a criatividade através de oficinas de leitura e arte;
- Oportunizar leituras dinâmicas;
- Favorecer situações de leitura não-verbal;
- Promover a contação de histórias por meio da Hora do Conto;
- Enriquecer o vocabulário dos alunos.

3 JUSTIFICATIVA

Segundo Silva et al. (2009, p. 54) “pouco sabemos na verdade sobre os leitores de carne e osso, crianças ou não, embora trabalhemos constantemente com projeções que deles são feitas”. Investigar as preferências dos leitores, entender um pouco seus interesses e preferências pode ser um caminho para oferecer um ambiente em que a leitura seja valorizada e apreciada por todos.

A biblioteca pode ser o espaço apto para influenciar o gosto pela leitura. Um espaço propício para que a escola estimule o desejo nos alunos de frequentar este ambiente e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento da leitura prazerosa.

A biblioteca escolar pode ser o caminho para a formação de leitores críticos. Para isso, é preciso pensá-la como lugar de criação e compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural onde os alunos sejam criadores e não apenas consumidores de cultura.

A biblioteca pode apresentar aos alunos os mais variados gêneros textuais, por meio de atividades diversificadas e atrativas. Situações de leitura diversificadas podem ser promovidas visando construir motivações para que o ato de ler seja mais do que uma exigência escolar e sim um ato de prazer. Desenvolver atividades interessantes na biblioteca e planejar momentos de inserção no mundo da literatura pode fazer mais sentido para os alunos quando estes se tornam participantes do processo.

Para que as atividades aconteçam e para que ocorra a formação de leitores dentro da biblioteca é necessário investir na mediação da leitura. O mediador é aquele que apresenta os livros e a biblioteca para os alunos. De acordo com Souza (2009, p. 11), “ter, apenas, acesso aos livros ou tempo para ler não basta, nem simplesmente deixar ler, para que o interesse pela leitura ocorra, é preciso apresentar os livros aos leitores em formação”.

Neste sentido é interessante ofertar livros pautados pela diversidade, diferentes obras e leituras cada vez mais diversificadas, aceitando as escolhas e preferências dos alunos sem desqualificá-las.

Como transformar a biblioteca escolar em lugar de prazer e não um espaço de obrigação? O que fazer para valorizar a leitura dos alunos a partir de seus gostos e preferências nesse espaço? Essas perguntas motivaram a realização do Plano de Ação, pois a biblioteca na qual atuo sempre visou à promoção de leitura, com propostas trazidas pelos profissionais que ali atuam, sem buscar a opinião ou sugestão dos alunos que frequentam este espaço.

4 A HORA DO CONTO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A ideia foi realizar um Plano de Ação pautado na questão do gosto e preferência de leitura dos alunos e aplicação de atividades motivadoras para que o ato de ler fosse mais que uma obrigação da escola. A Hora do Conto e as atividades que envolvem criação e arte podem ser atividades que motivam os alunos.

Os contos propiciam interação entre os alunos e os mediadores da leitura no espaço da biblioteca. Para Girotto e Souza (2009, p. 22), “as atividades de contar e ouvir histórias estão voltadas à formação do leitor”. A leitura de contos também pode ser um diálogo entre a literatura e outras linguagens. A contação de histórias, aliada às atividades que envolvam desenhos, modelagens, dramatizações, recortes e brincadeiras, pode contribuir para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Segundo Girotto e Souza (2009, p. 33), “a contação de história, então, pode acontecer de diversas formas com o uso de diversos recursos e técnicas; a diversificação é primordial a fim de enriquecer essa atividade e cativar o leitor em formação”.

A Hora do Conto ou contação de história é uma atividade coletiva que propicia a integração entre alunos e o adulto que irá contar a história, tendo como ligação o livro, que é apresentado e sugerido num contexto agradável e prazeroso.

A Hora do Conto pode ser realizada na biblioteca escolar, proporcionando aos estudantes um conhecimento melhor do acervo e incentivando-os a retirarem os livros para empréstimo. A realização da Hora do Conto pode despertar nos alunos o desejo de frequentar a biblioteca em outros momentos que não os da atividade planejada de contação de histórias.

A preparação das atividades de contação surgiram com os questionamentos: o que é um conto? O que é contar histórias? Como contar uma história e fazer com que o ouvinte se interesse por ela? De acordo com Vieira e Fernandes (2010, p. 118), “a palavra ‘conto’ é usada para designar uma narrativa curta que pode ser feita oralmente ou por escrito. Narrar uma história é revelar uma forma de ver o mundo”.

Ao escolher os contos africanos para o Plano de Ação, verifiquei que essas histórias fazem parte da tradição oral de um povo e que atravessam séculos, passando de geração para geração, servindo de inspiração a estudiosos e escritores que transformam as histórias africanas em livros de literatura. O trabalho com os contos africanos pode contribuir para a formação do leitor, oportunizando aos estudantes um conhecimento de novas histórias, novas culturas e tradições.

O auxiliar de biblioteca, como mediador da leitura, pode explorar o acervo e o espaço da biblioteca escolar. Para Campello,

quando as atividades da biblioteca são mediadas, isto é, quando há pessoas preparadas para aconselhar os estudantes na escolha de livros para suas pesquisas, para conversar com eles sobre livros lidos, para mostrar que a leitura pode ter a dimensão da experiência, a biblioteca adquire outra dimensão: a de espaço de aprendizagem.
(CAMPELLO, 2010, p. 131)

Desse modo, transformar a biblioteca escolar em um lugar de prazer para os estudantes, respeitando os seus gostos e suas preferências de leitura é o objetivo deste Plano de Ação. O trabalho se justifica pela reflexão sobre a formação do leitor e a importância do mediador, o auxiliar de biblioteca, como incentivador da leitura literária e de suas diversas formas de abordagem.

4.1 Contextualizando o espaço de execução do Plano de Ação

4.1.1 A Escola Municipal Moysés Kalil

A Escola Municipal Moysés Kalil (EMMK) foi inaugurada em 06 de setembro de 1979 e está situada à Rua Afonso Pereira da Silva, 10 – Mantiqueira – Regional Venda Nova. A escola ocupa uma área de 10.460 metros quadrados. Atualmente, as modalidades de ensino ofertadas pela escola são: Ensino Fundamental de 1º e 2º ciclo e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EMMK participa dos seguintes programas, organizados pela Secretaria Municipal de Educação: Escola Integrada, Escola Aberta, Madura Idade, Programa Saúde na Escola (PSE) e Intervenção Pedagógica nas áreas de Português e Matemática.

O espaço construído possui: auditório, sala de multimídia, biblioteca, laboratório de ciências, sala de artes, dois laboratórios de informática, quadra coberta, quadra descoberta, cantina, almoxarifado, banheiros para os alunos, banheiros para funcionários, banheiros para professores, sala de mecanografia, sala para o PSE, sala da coordenação, sala da direção, sala dos professores, parque infantil, brinquedoteca, praça da imaginação (para leitura), praça de jogos de tabuleiro, pátio para recreio, guarita e estacionamento. Os espaços descritos são de interação social onde toda a comunidade escolar faz uso e adquire conhecimento.

A escola recebe alunos com deficiência e nos últimos anos tem se adequado para recebê-los, pois foram feitas obras como rampas, banheiros adaptados, bebedouros mais baixos, salas com equipamentos próprios para atender suas especificidades, etc.

4.1.2 A Biblioteca Escolar Maria Bárbara Santos Chaves

A biblioteca escolar Maria Bárbara Santos Chaves, onde o Plano de Ação foi aplicado possui um espaço razoável para atendimento à comunidade escolar (alunos, professores e demais funcionários). Possui dois anexos: uma sala de vídeo e uma sala destinada aos livros didáticos. O acervo é composto de livros literários, de referência, enciclopédias, materiais diversos (mapas, globos, planetário, vídeos, cds, etc.), revistas, jornais, gibis. Funciona nos turnos da manhã, tarde e noite. Cada turno possui um auxiliar de biblioteca e um professor em readaptação funcional.

No turno da manhã são atendidos professores, funcionários e alunos do 2º ciclo. Cada turma tem o seu horário definido, sendo 04 salas por dia, 20 turmas por semana e em média 110 alunos por dia. O empréstimo de livros infanto-juvenis é o destaque da biblioteca, mas temos a pesquisa que é realizada no turno da tarde.

Atuamos na escola como mediadores realizando projetos e atividades de incentivo à leitura. No início do ano, apresentamos a biblioteca aos alunos, reforçando as normas (direitos e deveres), a importância da preservação e conservação dos livros. Trabalhamos datas comemorativas confeccionando murais, atividades diversas e contação de histórias. Mensalmente, a biblioteca elege um tema (Ecologia, Folclore,

Natal, Poesia, etc.) ou autor, e lhe dá destaque com cartazes, desenhos, fotos, seleção de mostra de livros em estantes expositoras.

Usamos algumas estratégias para incentivar a leitura individual dos alunos como as caixas com livros de histórias de terror, com as histórias para meninas e as histórias do Menino Maluquinho. Para a leitura coletiva promovemos os encontros com escritores, a Hora do Conto e oficinas literárias.

4.1.3 Minha trajetória na biblioteca escolar

Meu maior contato com a literatura teve início por meio de histórias orais contadas pela minha mãe e meu avô paterno. Desde cedo, os contos de fadas me fascinaram. Na escola primária, livros indicados pelas professoras tornaram-se um hábito de prazer que marcou minha vida adulta.

Sou graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais e o gosto pela literatura nunca foi abandonado durante o curso superior. Ao iniciar minhas atividades como auxiliar de biblioteca em 2007, na Escola Municipal Moysés Kalil, tinha pouco conhecimento sobre biblioteca escolar e tive que entender sobre o espaço, função, atividades a serem desenvolvidas e conhecer como era realizado o atendimento à comunidade escolar.

Durante o primeiro ano, foi necessário conhecer e aprender sobre a parte técnica da biblioteca: acervo, catalogação, empréstimo, bem como conhecer e aprender a trabalhar com os alunos, professores e funcionários da escola. Quando familiarizei com essas questões, fui em busca da utilização da literatura e do lúdico com os alunos, visando a uma forma de proporcionar às crianças que frequentavam a biblioteca momentos de prazer e descoberta dos livros literários.

Nos cinco anos de atuação na biblioteca, realizei vários projetos e atividades com os alunos, muitos deles em parceria com os professores. A contação de histórias, oficinas de preservação do acervo, gincanas, trabalhos de arte e música foram algumas das atividades realizadas. Como auxiliar de biblioteca e educadora, venho trabalhando ao longo desses anos atividades de incentivo à leitura, com as quais os

alunos podem vivenciar e experimentar muitos momentos prazerosos e significativos com o livro e com a leitura.

4.1.4 Perfil da turma

A turma escolhida para o desenvolvimento do Plano de Ação foi a do 6º ano (3º ano do 2º ciclo), do turno da manhã, último ano de estudo dos alunos na EMMK. Um grupo composto por 12 meninas e 12 meninos. A professora referência se chama Maria¹ e ministra aulas de Português e Matemática e as outras disciplinas ficam a cargo do professor José².

A turma tinha uma aluna de inclusão (cadeirante) que era acompanhada por uma estagiária em sala de aula. Os alunos estavam na faixa etária entre 11 e 12 anos. Apenas dois alunos estavam com 13 e 14 anos.

De acordo com a professora referência, ao longo dos três anos no 2º ciclo, ela trabalhou projetos de leitura com os alunos. No primeiro semestre de 2011, os alunos participaram de um projeto voltado para os contos africanos. Nesse projeto foram trabalhados temas da cultura afro-brasileira e os alunos fizeram empréstimos na biblioteca dos livros de literatura relacionados ao assunto.

Desde o ano de 2009, tinha contato com a turma e os alunos eram sempre frequentes e participavam das atividades da biblioteca. Uma vez por semana, eles iam à biblioteca e aproveitavam o espaço para lerem gibis, revistas, jornais e livros de literatura. Faziam empréstimos e ficavam com os livros por uma semana.

Os professores desta turma encaminhavam os roteiros de pesquisa para a biblioteca para que os funcionários pudessem orientar os alunos em seus trabalhos. A pesquisa era orientada e o atendimento acontecia individualmente ou em grupo.

Em relação ao comportamento, os alunos eram tranquilos, interessados, aproveitavam bem o espaço e respeitavam os funcionários da biblioteca.

¹ Nome fictício

² Nome fictício

4.2 A Lei n. 10.639/2003 e a Literatura Afro-Brasileira

Com a implementação da Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas no currículo oficial da Educação Básica e inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia da Consciência Negra”, surge um novo momento para a discussão das questões étnico-raciais e de promoção da inclusão nas escolas brasileiras.

É preciso problematizar e qualificar as relações étnico-raciais na escola, construir uma nova relação de identidade a partir da desconstrução das imagens, imaginários, atitudes e comportamentos instituídos em respeito à história e à cultura negra no Brasil.

Tendo o conhecimento da Lei n. 10.639/2003, e ciente da sua relevância no resgate da identidade da população brasileira, a escola pode ser espaço de reflexão, discussão e promoção de ações afirmativas que promovam o reconhecimento, a valorização da diversidade e a tolerância diante do diferente. Segundo Amâncio (2008, p. 37), “a implantação dessa Lei corresponde a uma ação afirmativa, que visa à revisão da qualidade das relações étnico-raciais no Brasil, as quais são produzidas e reproduzidas predominantemente na/pela escola”.

Com a Lei n. 10.639/2003, a inserção da diversidade nos currículos e no Projeto Político Pedagógico das escolas tornou-se necessária, também, a formação dos profissionais em educação com o objetivo de sensibilizar e construir estratégias para viabilizar uma educação voltada para as relações étnico-raciais e o ensino de História e Cultura afro-brasileira.

Para Cavalleiro (2006, p. 20), a diversidade cultural e as relações étnico-raciais precisam ser “reconhecidas por todos os atores envolvidos com o processo de educação no Brasil, em especial professores(as) e alunos(as)”. Martins e Gomes,

sinalizam ser muito importante incorporar no currículo, nos livros didáticos, no plano de aula, nos projetos pedagógicos das escolas, os saberes produzidos pelas diversas áreas e ciências, articulados com os saberes produzidos pelos movimentos sociais e pela comunidade (MARTINS E GOMES, 2010, p. 145).

A Lei implica uma mudança na postura pedagógica de educadores e dos demais profissionais em educação. Uma educação pautada na diversidade, dialogando com diferentes culturas, superando preconceitos e estereótipos e assumindo uma postura aberta e democrática frente ao diverso. Para Gomes,

por meio da Literatura e, mais especificamente, do conhecimento da rica produção literária africana e afro-brasileira, o professor e a professora poderão encontrar alguns caminhos pedagógicos para o trato da questão africana e afro-brasileira na sala de aula (GOMES, 2008, p. 151).

O trabalho com literatura ocupa um espaço importante no atendimento aos objetivos da Lei n. 10.639/2003, pois oferece oportunidades diversificadas de se trabalhar aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil.

A Literatura Afro-Brasileira estimula o pensamento crítico acerca de diversas realidades a partir da leitura de diferentes gêneros textuais: poesia, teatro, cartas, contos, crônicas, etc. Jorge e Amâncio (2008, p. 109) apontam diversos objetivos a serem trabalhados com as literaturas africanas e afro-brasileiras, por exemplo:

- “Possibilitar o contato com literaturas por vezes desconhecidas ou marginalizadas no Brasil”.
- “Contrapor as literaturas africanas às literaturas hegemônicas”.
- “Estimular o interesse e o desejo de conhecer culturas de matriz africana”.
- “Promover a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras”.
- “Estudar autores negros contemporâneos que refletem sobre a identidade brasileira”.
- “Utilizar conhecimentos interdisciplinares para fazer leituras críticas de textos literários”.

Muitas são as possibilidades de se trabalhar os textos de autores africanos aliados a diferentes modalidades de arte como dança, teatro, música, artes visuais (fotografia, pintura, desenho, gravura, grafite), artesanato, etc. Diferentes atividades poderão ser introduzidas aos alunos como forma de reflexão sobre as manifestações artísticas de matriz africana. De acordo com Amâncio,

importa destacar também as novas abordagens no trabalho com os conteúdos de Educação Artística e de Literatura, principalmente

considerando que as expressões das matrizes africanas encontram-se, em sua maioria, fundamentadas por ações/atividades do plano da oralidade e da escrita (AMÂNCIO, 2008, p. 43).

O trabalho com a literatura afro-brasileira e a socialização de atividades na perspectiva da diversidade étnico-racial nas escolas contribuem para a implementação da Lei n. 10.639/2003 de forma mais participativa, reflexiva e até mesmo crítica.

Ciente da importância de um trabalho pedagógico voltado para a diversidade, optei por desenvolver um Plano de Ação que reconheça a riqueza e a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras. Um Plano de Ação elaborado com a intenção de transformar a biblioteca escolar em espaço coletivo de ensino e aprendizagem, utilizando a literatura afro-brasileira como principal fonte de divulgação da diversidade cultural do povo brasileiro.

5 DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento do Plano de Ação, inicialmente, fiz a escolha da turma com a qual desenvolveria a minha proposta. Nessa escolha, considerando o meu tempo de atuação como auxiliar de biblioteca na escola e o tempo de trabalho com os alunos, escolhi uma turma do 6º ano, cujos alunos frequentavam e participavam dos projetos da biblioteca há três anos.

Como metodologia de trabalho, foi elaborado um questionário que contemplasse perguntas relacionadas ao gosto e preferências de leituras dos alunos, o que gostam ou não gostam de ler na biblioteca e que atividades gostariam que fossem realizadas na biblioteca. (APÊNDICE A)

A aplicação do questionário possibilitou verificar que os alunos gostam de ler e gostam da biblioteca. Quanto ao tipo de livro, os estudantes têm preferências por leituras que os façam sonhar, imaginar e se divertir. Eles responderam que gostavam das leituras que os faziam aprender “coisas novas, curiosidades e temas que tratam sobre a adolescência”. Ao responderem que tipo de leitura gostavam, os alunos citaram: contos, poesias, gibis e histórias diversas. Quanto às sugestões de atividades na biblioteca, os alunos declararam que gostariam mais do espaço da biblioteca se pudessem ler o que quisessem e também gostariam de ter atividades que envolvessem leitura coletiva, contação de histórias e arte.

Conhecer os alunos, suas preferências, seus gostos torna-se importante para desenvolvermos, na escola ou na biblioteca, atividades interessantes para eles. Para Leal e Albuquerque (2010, p. 92), “as expectativas dessas crianças e jovens precisam ser levadas em conta”.

Analisando as respostas dos alunos, pensei num Plano de Ação voltado para os contos e para o desenvolvimento de atividades artísticas na biblioteca. Aproveitando o mês de novembro e as comemorações do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), a proposta foi a apresentação de contos africanos e oficinas de desenhos e confecção de máscaras relacionadas ao tema.

A turma do 6º ano possuía conhecimentos prévios sobre a cultura afro-brasileira desde o início de 2011, pois a professora referência havia trabalhado o tema em sala de aula, por meio de atividades diversificadas como pesquisas direcionadas, recontos, atividades artísticas, música e teatro.

O trabalho com os contos africanos possibilita, além da contação de histórias por meio da Hora do Conto, momentos de debates, relatos, trocas de experiências, promoção da leitura não-verbal e o trabalho com oficinas de artes. É uma oportunidade de promover momentos lúdicos, despertando o interesse dos alunos para novas leituras.

Segundo Giroto e Souza (2009, p. 21), a hora do conto é um “momento profícuo de trabalho com a literatura infantil, oportunizando a atividade da criança e a mediação dos professores e bibliotecários como sujeitos ativos e conscientes da sua função de mediadores no/do letramento literário”.

Pensando em atividades de promoção de leitura e trabalhos de arte na biblioteca, as atividades foram programadas uma vez por semana durante o mês de novembro. O projeto foi intitulado como: “A África está em nós: uma viagem pela cultura africana no mês de comemoração da consciência negra” (FIG. 1).

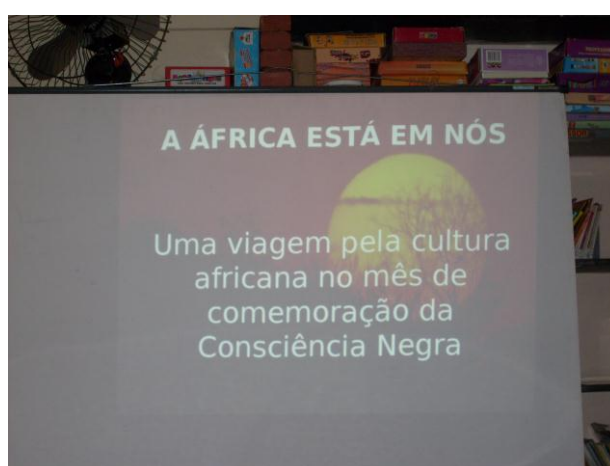


FIGURA 1 - Slide de apresentação do Projeto

Santos e Souza (2009, p. 105) enfatizam “a necessidade da organização das atividades realizadas no espaço escolar, com vistas a formar leitores e escritores

competentes”. As atividades podem ser pensadas e elaboradas de acordo com as preferências dos alunos ou de temas trabalhados na escola.

O Plano de Ação buscou aliar as preferências dos alunos com o tema da cultura afro-brasileira, por meio de atividades elaboradas com o objetivo de mediar a formação de leitores.

5.1 Atividades realizadas no Plano de Ação

Primeiro dia

Apresentação do conto africano “Nyelete e o embondeiro”, do livro *A semente que veio da África*, do escritor Mário Lemos, utilizando slide na biblioteca.

Os alunos foram recepcionados com perguntas prévias como: vocês gostam de contos? Vocês sabem o que estamos comemorando no mês de novembro? Vocês conhecem algum conto africano? Vocês gostariam de ouvir um conto sobre o significado das coisas? Vocês sabem o significado do seu nome?

Para Girotto e Souza (2009, p. 25), “a recepção é o momento de acolhimento das crianças ao ambiente da biblioteca escolar, pode-se recepcioná-las de diversas formas, sendo todas integradas à história eleita para o momento da contação”.

Antes de iniciar a história, fornecemos informações sobre o livro como nome do autor, ilustrador, editora, ano em que foi escrito, informações sobre o texto, personagens e o local onde se passava a história.

De acordo com Girotto e Souza (2009, p. 28) ao utilizar a “simples narrativa com auxílio do livro, o contador precisa do exemplar para contar a história, pois as ilustrações complementam o texto e ajudam os ouvintes a montar a seqüência textual”.

Após a recepção, fizemos a leitura do conto e depois apresentamos dados sobre Moçambique, país de origem da história apresentada. Os alunos tiveram a

oportunidade de conhecer como era, antigamente, a vida em Moçambique (FIGURA 2).

Após exibição dos slides, fizemos uma roda para saber as impressões, opiniões, dúvidas e o que mais gostaram na história. Os alunos puderam contar o significado e a origem de seus nomes. Finalizamos essa etapa apresentando o significado do nome de cada aluno.

Para Giroto e Souza (2009, p. 43) “conversar com as crianças, antes e depois dos momentos das histórias, fundamenta novas atividades com o texto contado e/ ou viabiliza a introdução de novas histórias a serem lidas ou contadas”.

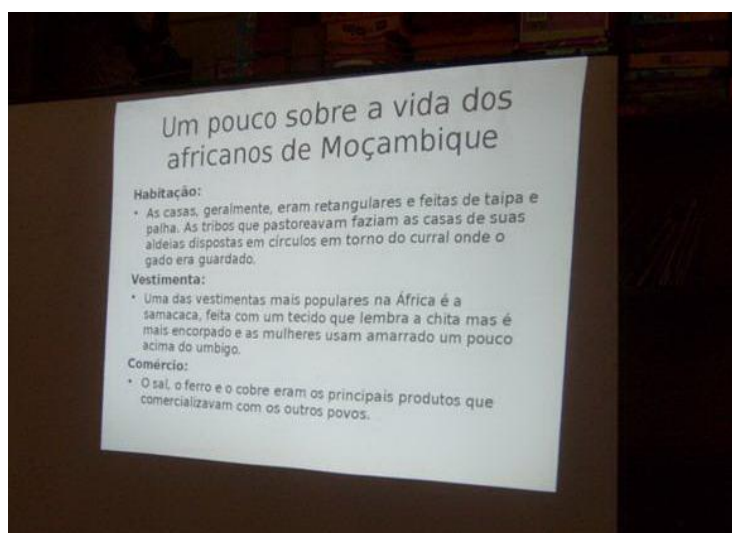


FIGURA 2 - Slide contendo informações sobre Moçambique

Segundo dia

Escolhemos o livro “O casamento da princesa”, do autor Celso Sisto, que conta a história da simbologia e os significados da África Ocidental.

Antes de iniciar a leitura, utilizamos o slide para apresentar um pouco sobre o Dia da Consciência Negra e a importância de se comemorar a data. Os alunos puderam fazer perguntas e expor o que sabiam sobre o assunto.

Para Cosson (2007, p. 53), “crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há

uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras”.

Após esse momento, os alunos ouviram a história “O casamento da princesa” e tiveram a oportunidade de saber sobre algumas tradições africanas, sobre o uso de provérbios, símbolos e conceitos e que estes podem ser transmitidos por ideogramas ou objetos.

Cosson (2007, p. 55) explica que “a construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação”. Para representar os símbolos e conceitos presentes no texto, os alunos participaram da oficina de arte e coloriram desenhos com diversas imagens e símbolos que foram expostos no mural da biblioteca (FIG. 3 e 4). Segundo Silva et al.,

ao agenciarmos as imagens relacionadas a aspectos desses textos, que são projetados aos alunos, tentamos pesquisar jeitos de, na parceria das linguagens da arte, das cores e das formas, das imagens e de sons em movimento, elevar o aluno a muitos planos de leitura que o delicado tecido poético das imagens do texto coloca (SILVA et al., 2009, p. 65).



FIGURA 3 - Desenhos produzidos pelos alunos



FIGURA 4 - Mural confeccionado pelos alunos

Terceiro dia

Neste dia, recebemos a bibliotecária Ana,³ da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (Regional Venda Nova), que foi convidada para contar a história do livro “O mapa”, da escritora Marilda Castanha, um texto sobre as máscaras africanas.

A bibliotecária Ana apresentou o livro, a autora, o ilustrador e fez algumas perguntas para saber se os alunos conheciam as máscaras africanas (FIG. 5). Para Maia (2007, p. 89), “ler histórias para crianças desperta, também, uma nova visão do livro, enquanto objeto de desejo, manifestado no momento da leitura”.



FIGURA 5 - Contação de história com a bibliotecária da PBH

³ Nome fictício

Apresentamos um slide sobre o significado e o que representa as máscaras para a cultura africana. Através do slide, mostramos alguns exemplos de máscaras feitas em diversos materiais. Para Silva et al. (2009, p. 63) é “possível formar leitores, por meio de uma leitura animada e de uma educação visual. O desejo de animar a escrita e suas imagens pede o movimento de outras formas de linguagens (áudio) visuais”.

Para finalizar, realizamos a oficina de arte onde os alunos fizeram máscaras utilizando diversos materiais como miçangas, palha, papel reciclado, entre outros. As máscaras foram expostas na biblioteca (FIG. 6, 7, 8 e 9). Segundo Corsino é importante que o mediador

favoreça as interações, faça perguntas instigantes e provocadoras, estimule as crianças a fazerem interferências nas obras, produzindo outros textos, representando corporalmente, brincando com os personagens, ilustrando desenhos, pinturas, etc. (CORSINO, 2010, p. 202).



FIGURA 6 - Oficina de máscaras



FIGURA 7 - Máscara confeccionada por aluno



FIGURA 8 - Máscaras confeccionadas pelos alunos



FIGURA 9 - Exposição das máscaras na biblioteca

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do Plano de Ação, verifiquei que a biblioteca escolar pode ser um local onde os alunos complementam sua aprendizagem e desenvolvem sua criatividade, imaginação e senso crítico.

Na biblioteca, as crianças podem descobrir seus próprios gostos, investigar aquilo que os interessa, adquirir conhecimentos novos, escolher livremente suas leituras preferidas e vivenciar um espaço de forma prazerosa e não como obrigação.

Os profissionais que atuam na biblioteca podem ser mediadores das atividades e proporcionarem maior interação entre o aluno, a escola e a literatura. Eles podem buscar mecanismos e incentivos, atividades e projetos que estimulem hábitos de leitura espontâneos e interessantes para os alunos.

Os alunos podem ser participantes ativos desses projetos quando a biblioteca busca saber seus gostos e preferências de leitura. A biblioteca, ao diagnosticar o interesse dos alunos por certas leituras, pode por em prática ações que visam ao incentivo e à formação de leitores.

Na maior parte do tempo, o auxiliar de biblioteca fica preso às questões de organização do espaço como a catalogação e o registro de materiais. É visto, muitas vezes, como mero “emprestador” e “recebedor” de livros.

Horários pré-determinados para os alunos, escolha de livros com o objetivo de realizar fichas de leitura e atrelados à nota do boletim escolar transformam a biblioteca escolar num lugar “chato” e de presença obrigatória. O espaço, às vezes, é transformado em sala de aula ou simplesmente uma sala de leitura sem atingir o seu principal objetivo: o incentivo à leitura.

O desenvolvimento do Plano de Ação foi uma oportunidade para levantar essas questões e entender o papel do auxiliar de biblioteca como mediador na formação de leitores. O auxiliar de biblioteca pode propor trabalhos e atividades centradas no

leitor, visando à biblioteca escolar como ambiente pleno de aberturas e favorecimento ao processo de aprendizagem.

Ao ter contato com os diversos tipos de leitura e atividades de mediação, os alunos podem enxergar a biblioteca escolar como espaço instigante, capaz de atraí-los para o livro de forma prazerosa.

O Plano de Ação foi uma oportunidade de “enxergar” a biblioteca escolar como espaço de vivência e de diversidade cultural; entender que é possível compartilhar experiências entre alunos, professores e auxiliar de biblioteca nesse espaço. Foi possível verificar a importância de se trabalhar em conjunto com os alunos e professores para o alcance do hábito e do prazer da leitura.

O Plano de Ação foi uma iniciativa, uma proposta de transformar a biblioteca escolar em um espaço de ensino e aprendizagem, um lugar de vivências destinadas à produção e ao uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, à imaginação e ao entretenimento.

7 REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Í. M. da C. Lei n. 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem. In: AMÂNCIO, Í. M. da C; GOMES, N. L; JORGE, M. L. dos S. *Literatura africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ANDRADE, M. E. A. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, B. S. *et al. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CAMPELLO, B. S. A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. In: *Literatura: ensino fundamental*. PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino. v. 20.
- CASTANHA, M. *O mapa*. Belo Horizonte: Dimensão, 2006.
- CORSINO, P. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: *Literatura: ensino fundamental*. PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino; v. 20.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- GIROTTI, C. G. G. S. e SOUZA, R. J. de. A Hora do Conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, R. J. de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de letras, 2009.
- GOMES, N. L. Algumas palavras finais. In: AMÂNCIO, Í. M. da C; GOMES, N. L; JORGE, M. L. dos S. *Literatura africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- JORGE, M. L. dos S. e AMÂNCIO, Í. M. da C. Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica. In: AMÂNCIO, Í. M. da C; GOMES, N. L; JORGE, M. L. dos S. *Literatura africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LEAL, T. F. e ALBUQUERQUE, E. B. C. de. Literatura e formação de leitores na escola. In: *Literatura: ensino fundamental*. PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino; v. 20.
- LIMA, H. P. *A semente que veio da África*. São Paulo: Salamandra, 2005.
- MACIEL, F. I. P. Educação, leitura e literatura: diálogos possíveis. In: *Literatura: ensino fundamental*. PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino; v. 20.

MAIA, Joseane. Literatura na formação de leitores e professores. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, A. A. e GOMES, N. L. Literatura infantil/juvenil e diversidade: a produção literária atual. In: *Literatura: ensino fundamental*. PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino; v. 20.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Continuada. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, C. C. S. dos e SOUZA, R. J. de. Programas de leitura na biblioteca escolar: a literatura a serviço da formação de leitores. In: SOUZA, R. J. de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de letras, 2009.

SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A. e SCORSI, R. de Â. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, R. J. de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de letras, 2009.

SISTO, C. *O casamento da princesa*. São Paulo: Editora Prumo, 2009.

SOUZA, R. J. de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de letras, 2009.

VIEIRA, A. S. e FERNANDES, C. R. D. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In: *Literatura: ensino fundamental*. PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino; v. 20.

APÊNDICE A
Questionário – Biblioteca Escolar

Série: _____

Sala: _____

Idade: _____

Data: _____

Sexo:

() feminino

() masculino

Você gosta de ler?

() sim

() não

Tem livros na sua casa?

() sim

() não

Os livros que tem na sua casa foram:

() comprados

() ganhados

A sua família incentiva você a ler livros?

() sim

() não

Que tipo de leitura você prefere?

() Histórias de livros

() Poesia

() Piadas

() Jornais

() Revistas

() Gibis

() Outros: _____

Como você escolhe os livros para ler?

Você gosta da biblioteca da sua escola?

() sim

() não

O que mais gosta na biblioteca da sua escola?

Gostaria de mudar algo na biblioteca da sua escola?

() sim

() não

O que gostaria de mudar?

Quantos livros você lê por mês?

() 1

() 2

() 3

() 4 ou mais

() nenhum

Qual o livro que você mais gostou de ler? Por quê?

Você se lembra de algum livro que não gostou de ler? Por quê?

Gostaria de sugerir algum livro ou material para a biblioteca?

Gostaria de sugerir algum tipo de atividade que poderia ser realizada na biblioteca?

Complete a frase: A biblioteca da sua escola é um lugar
